



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
* Propriedade da Confederação Geral do Trabalho *
E DITOR — **JOAQUIM CARDOSO**

Redacção e administração — Calçada do Cambro, 88-A, 2.º —
Lisboa — PORTUGAL
End. telegr. Zaltcha — Lisboa — Telefone: 1
Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A Rússia quer a paz

Passados dois anos sobre a Revolução de Novembro de 1917, que nas ruas de Petrogrado, — a Paris revolucionária do século XX — proclamou a vontade livre do

povo trabalhador em armas, o governo dos comissários do povo dessa rebelião nascido, de novo apresentou aos governos da Entente formais propostas de paz. A Rússia revolucionária afirma assim o seu horror à guerra. Nunca a a quiz, nunca a desejou e aceitou-a pela necessidade de defesa dos ataques de imperialismo de todos os matizes e do capitalismo mundial. Agora, ao fim de dois anos de combates incessantes, durante os quais as legiões proletárias defenderam sacrificadamente as conquistas da revolução de Novembro e livraram Petrogrado da ameaça dos potentes canhões das esquadras britânicas, e dos ataques dos exércitos mercenários do general tsarista Yudenitch, ela de novo vem dizer à Entente, a essa odiada Santa Aliança do capital e do militarismo, que deseja a paz, para que ao mundo possa apresentar as excelências da sociedade socialista, para que a Rússia operária e camponesa, tranquilamente possa trabalhar e prosperar.

Nós temos lido várias vezes, em jornais mais ou menos defensores do sistema capitalista, que extranho é que o bolchevismo, a despeito de se afirmar constantemente pacifista e anti-militarista, tenha organizado fortes exércitos e tenha sustentado guerras encarniçadas. Ao termos essas considerações sobre a pretensa belicoidade da Revolução Russa, admiramos sinceramente ou da ingenuidade ou da duplicidade dos autores de semelhantes disparejos.

A Rússia tem afirmado numerosas vezes que deseja a paz. Quando das negociações de Brest-Litovsk, Trotsky, comissário do povo no ministério da guerra, num momento em que alemães e aliados se batiam na Flandres e no norte da França, em que havia guerra no Trentino e os Bálcãs eram uma imensa fogueira, lançou a todo o mundo banhado em sangue e lágrimas, um apelo para a paz geral. Esse convite foi repellido porque os capitalistas de Washington, Londres, Roma e Paris, mais alguma coisa tinham em mira que a defesa da Liberdade e da Justiça.

Mais tarde, foram feitas novas propostas de paz quando, já terminada a guerra burguesa consequência do armistício de 11 de Novembro de 1918, as potências ocidentais pretendiam fazer vergar a Rússia tsarista ao peso das suas formidáveis armas. Inú-

teis foram essas propostas, porque nunca os aliados quiseram sinceramente que no oriente europeu se restabelecesse a tranquilidade.

E porque? E' que eles querem a todo o transe arredar o espectro vermelho da revolução e não podem admitir que, ao lado dos países onde dominam as minorias privilegiadas, exista um país onde governem os operários e os camponeses. Além disso, ambiciosos planos os atormentam. A Rússia é um país que encerra inextinguíveis riquezas naturais. Nos seus campos o trigo cultiva-se com largo rendimento; as suas florestas frondosas arrancam-se preciosas madeiras; o seu sub-solo abriga inúmeros jazigos de minerais preciosos, já pela sua utilidade e aplicação, já pela sua raridade.

E' essa magnífica presa que os aliados desejam. O financeiro da Entente estão dispostos a sacrificar os filhos do povo para que as suas ambições sejam satisfeitas. Ainda não satiscos do despojo formidável que arrancaram dos campos de batalha, contam com a escravização do mujik para mais enriquecerem.

Pelas razões que acabamos de expor, é muito provável, é quasi certo que as propostas de paz do governo dos Sovietes não sejam aceites. A Entente repelli-as há e o bloqueio estrangulará, traçoamente a Rússia, matando de fome milhares de crianças, velhos e mulheres. A luta desesperada e selvagem, a luta sangrenta e horrível continuará. A paz não será restabelecida e durante muito tempo os povos combatidos escutarão os clamores de fome e miséria que se lançam do distante oriente europeu, o fragor da grande batalha travada em torno de Petrogrado e Moscova, os dois grandes corações da Rússia que a febre revolucionária faz palpitarem violentamente.

Cabe ao proletariado dos países aliados o dever de reagir energicamente contra a atitude dos seus governos. E' preciso que se afirmem bem claramente nas ruas de Paris e Londres a ameaça revolucionária, para que a Entente aceite as propostas de paz da Rússia. Se isso se não fizer, elas serão repelidas e o proletariado dos países dominados pela Entente mais uma vez demonstrará que, a despeito das suas platinadas demonstrações de solidariedade para com o povo revolucionário russo, não é capaz de um acto de força que traduza um benefício palpável para a revolução dos trabalhadores do Oriente.

A guerra vermelha
Os bolchevistas conquistam Omsk

LONDRES, 6. — Dizem de Omsk que o governo civil evasou aquela cidade. O exército do almirante Kolchak também retirou de uma parte da frente. — H.

N. da R. — Apeza da pouca importância intrínseca de Omsk, pequena cidade siberiana com 35.000 habitantes, representa a sua evasão por Kolchak um importante facto militar e político para os bolchevistas, pois era a sede do governo do ditador siberiano e o seu mais importante centro militar, indo decorrer influentemente no moral dos restantes exércitos tsaristas.

Dénikine continua a anunciar ao mundo estrondosas "vitórias"

LONDRES, 6. — Uma comunicação do general Dénikine diz que as tropas do general Wrangel retomaram Proclir, fazendo 400 prisioneiros. Na frente do Don os cossacos tiveram que retirar sobre Keperak. O centro do exército dos cossacos derrotou completamente a 21.ª divisão bolchevista, fazendo 4.700 prisioneiros e tomando 24 canhões. O exército dos voluntários retomou 2 cidades, fez 700 prisioneiros e fez progressos contra as tropas do general Petliura. — Havas.

Termina a greve dos dockers.

LONDRES, 7. — O Times recebeu um telegrama de New-York, dizendo que os dockers acabaram a greve e voltaram ao trabalho com os antigos salários. — Havas.

Recusa-se aos povos o direito de deliberarem sobre as guerras

WASHINGTON, 7. — O senado rejeitou a emenda do sr. Goro ao projecto da Liga das nações, que torna obrigatório o referendo popular antes da declaração de guerra. — Havas

PELA POLÍTICA

Na vida oficial tudo é mentira: é mentira a Constituição, é mentira a ficção legal do sistema, é mentira a lei fundamental do Estado, mentira o Diário Oficial, mentira a representação parlamentar, mentira os votos da maioria, mentira o Diário das Sessões, mentira as promessas, mentira os programas, mentira a adesão, mentira a disciplina, mentira a lei, mentira o orçamento. — Alfredo CALDERON. — De Treinta artigos, pag. 56.

No palco parlamentar

A falta de braços para os trabalhos agrícolas no Alentejo

Na sessão de ontem da Câmara dos Deputados, o sr. José de Almeida falou sobre a falta de braços para os trabalhos agrícolas no Alentejo. O caso é tanto mais para estranhar quanto lhe comunicaram existir muitas centenas de soldados no quartel dos adidos, que bem podiam ser licenciados por não serem indispensáveis. Respondeu-lhe o ministro da guerra que o número de soldados que se encontram no quartel de adidos, embora não possa dizer o número exacto, não irá além de 500 a 600. Não são estes braços que estão fazendo falta à agricultura, pois além dos soldados serem, na sua maioria, das regiões agrícolas do Alentejo deve notar que a maioria dos trabalhadores agrícolas que laboram no Alentejo pertencem às Beiras. Que no entanto, não teria dúvida em investigar para dar as providências necessárias salientando que ao serviço militar se encontram apenas os soldados indispensáveis.

O presidente do ministério ignora que o regulamento do horário do trabalho não é cumprido!

Em negócio urgente, o sr. Dias da Silva increpou violentamente o governo por não fazer cumprir o regulamento das 8 horas. Disse que era preciso que o sr. presidente do ministério falasse claro ao país, declarando se tem ou não tem a força para obrigar os industriais e o patronato a respeitar a lei. Se o governo a não fizer cumprir, a classe trabalhadora, diz o sr. Dias da Silva, não fará, por si própria, que ela se cumpra. Creia o sr. presidente do ministério que neste assunto não há socialistas, sindicalistas e anarquistas — acrescentou aquele deputado. Todos eles estão unidos e põde o governo contar com o orador como um inimigo que no parlamento como deputado, quer na rua, como revolucionário.

O presidente do ministério, como de costume, ouviu com a maior atenção as considerações exaltadas do ilustre deputado (sic). Deu ordem para que se cumprisse a lei, e não teve ainda nenhuma reclamação de que ela não é cumprida. E' certo que a lei tem coisas que se não podem cumprir, mas enquanto a lei for lei, tem que ser respeitada. Mas apressou-se a dizer que é preciso revê-la, o diploma, o mais breve possível.

O sr. Dias da Silva extranhou que o chefe do governo ignorasse que a lei não estava sendo cumprida. As autoridades administrativas cumpria informá-lo. Mas já que estas não vivem se não para inventar tramas revolucionárias, ele, orador, fazendo de polícia, irá observar, e apresentará ao parlamento um relatório dos que, com a complacência do sr. Sá Cardoso, se riem da lei.

Uma piada tória dum deputado ignorante

Quando o sr. Dias da Silva protestava contra o desrespeito do patronato por uma lei do país, alguns deputados, entre eles os sr. Abaim Inglês e Vasco Borges, interromperam o orador com apertados importunos, inconvenientes e fora de propósito. Assim, o presidente da Associação Industrial perguntou ao sr. Dias da Silva, porque deixara de ser industrial, e sr. Vasco Borges porque não distribuiria o dinheiro, produto da venda da fábrica, pelos pobres.

Como bem fez notar o sr. Costa Júnior, esta ideia de que socialismo é distribuir o dinheiro pelos que não tem, só é própria dum ignorante.

E são estes meninos petulantes e ócios que legislam, que nos governam, que condenam o socialismo e guerreiam o movimento social, sem saberem sequer o A. B. C. do socialismo!

A coerência de um socialista que, por qualquer circunstância, possua alguns meios de fortuna não consiste em distribuí-lo pelos outros, contribuindo para a constituição de uns tantos burgueses a mais, mas na aplicação de uma parte dessa sua fortuna em "escolas" de luz aos pobres... mas de espírito, como o deputado em questão.

Não há tabaco para vender ao público mas há para reexportar

Na edição de noite de O Estado, de anteontem, encontrava-se esta notícia: Não há tabaco nacional para vender ao público, mas há tabaco para reexportar em ruma, sob o falso pretexto de que não presta.

Sabemos — e cremos que ninguém osará desmentir-nos — que a famosa Companhia dos Tabacos e a que lhe permitisse a reexportação de 100 fardos de tabaco para a Guiné, se ele não prestasse para que o queressem em Gibraltar?

O tabaco dos 100 fardos e do qual temos tratado de nós uma amostra, não está deteriorado. Se alguém o afirma que a Companhia diga quem foi que o examinou. O tabaco, embora não preparado, é de excelente aspecto e muito aromático. Se o tabaco fosse mau o aceitaríamos, decerto, em Gibraltar.

Tendo-se referido a esta notícia o deputado Júlio Martins, o ministro das fi-

AINDA O CONGRESSO DE WASHINGTON

A atitude do sr. Franco criticada por um socialista — Mais protestos... de sindicatos operários...

«Só às sindicais centrais competia nomear os seus delegados, como únicos representantes do movimento operário nacional — afirma-o o socialista sr. Cesar Nogueira.

Temos aqui afirmado que não é apenas a organização operária que condena a atitude do sr. Alfredo Franco em se apresentar em Washington como representante do operariado organizado. A comprovar a nossa asserção temos hoje a juntar nos depoimentos já aqui publicados o do sr. Cesar Nogueira, socialista dos mais categorizados do partido, posto que nela tem desempenhado cargos dos mais elevados, e que em O Setubalense publicou uma série de artigos criticando com grande copia de argumentos a singular atitude do ex-director de O Combate, que não sendo operário não escrupulizou em prestar-se a desempenhar um papel que não lhe está a caracter. São dum dos referidos artigos de O Setubalense os seguintes trechos:

Assim todo o operariado organizado se dispôs a tomar parte na Conferência de Washington.

Relativamente a Portugal o operariado organizado não tinha nenhuns compromissos em se fazer ou não representar na Conferência de Washington, pois que não colaborou nos trabalhos do Congresso de Amsterdam, e como claramente se vê no documento, que acima tivemos o cuidado de transcrever, a central sindical portuguesa não forma na lista dos países que figuram no referido documento. A sua independência era perfeita. Ou bem, ou mal, o Congresso de Coimbra deliberou como entendeu. Não discutimos a sua resolução. O que frisamos é que desde o momento em que o operariado organizado português se recusava a fazer-se representar na Conferência de Washington, o governo não tinha o direito de nomear ninguém, como representante do operariado organizado do nosso país, pois que o texto do art. 389.º do Tratado de Paz, é bem preciso.

O argumento de que o delegado nomeado pelo governo foi indicado por uma dúzia de associações provinciais e que apresentaram outra dúzia de nomes, não colhe, pois que tendo o Conselho Superior da Conferência da Paz aceite as indicações do Congresso de Amsterdam, é lógico que só as sindicais centrais, conforme diz a alínea 2 do documento votado, competia nomear os seus delegados, como únicos representantes do movimento operário nacional. O que se fez foi solismar a questão, agravada pelo portuguêsismo, não true dum lista de três nomes, que dava o direito ao governo de escolher o delegado que mais lhe agradasse, o que era absolutamente contrário ao espírito do artigo 389.º do Tratado de Paz e do texto da resolução do Congresso Sindical de Amsterdam, de que tam abusivamente se tem usado.

Do operariado organizado, por meio da sua central, é que competia unir e simplesmente, escolher ou eleger os delegados, sem interferência do governo. Foi o que se fez em toda a parte. E' bem não inverter os factos. Se o operariado organizado português não se queriasse fazer representar na Conferência de Washington, estava no seu direito. Quem está fora da lógica e do direito é o governo, abusando do organismo operário nacional, nomeando um delegado que não foi a Washington com o seu consenso. Esta é que é a verdade dos factos.

E' escusado afirmar que não concordamos com a deliberação do Congresso nas suas esclareceu o caso da seguinte forma:

«O tabaco foi devolvido ao vendedor, por ser impróprio para o fabrico; a devolução foi autorizada depois da consulta favorável do comissário dos tabacos, que informou o ministro de que o tabaco, por ser de qualidade inferior, era realmente impróprio para o consumo e devia ser devolvido. Não se trata, pois, de uma exportação de mercadorias para a devolução ao vendedor de mercadoria não aceite pelo comprador.»

Para parvos de todo, a explicação devesse satisfazer. Mas como não nos temos nessa categoria, confessamos que a resposta do ministro fez-nos nascer a suspeita de que se trata de mais uma negociação.

Olá! Anda ali grossa tratantada ou é da nossa vista!

A Espanha e os aliados

Perez Caballero defende o estabelecimento de uma aliança

MADRID, 10. — (T. S. F.) — Perez Caballero, ex-ministro dos negócios estrangeiros e ex-embaixador em Paris, publica no Fígaro um artigo de quatro columnas intitulado «Aliança com os aliados», onde ele estabelece que a Espanha, que teve de manter a neutralidade passiva durante a guerra, deve agora caminhar francamente ao lado da França e da Inglaterra, a fim de poder tomar o seu lugar no consórcio das nações e resolver a questão marroquina.

«Os aliados — diz ele — são hoje os arbitros do mundo e é com eles que nós devemos necessariamente marchar, e é preciso fazer mais, é preciso também provar-lhes que nós o fazemos francamente e com decisão, esta prova a fornecer é a aliança formal, categórica e de pleno efeito da diplomacia moderna».

Perez Caballero, terminando, diz não admitir que seja necessário reconhecer a realidade que sempre se impõe. — Rdio.

Na Hungria

Sempre é restaurada a monarquia

VIENA, 9. — A imprensa desta capital assegura que o arquiduque Otto será proclamado rei da Hungria, acrescentando que o pretendente conta com o forte apoio dos partidários do antigo regime e das classes conservadoras. — Rdio.

CONTRA OS AGIOTAS

Inquilinos, em guarda!

Continua a desumanidade dos senhores, que se empenharam, de colaboração com o mercleiro e outros melcates da exploração, em nos obrigar a dormir nos bancos da Avenida, com risco de nos prenderem por vadios.

Mas, que os senhores nos tentem explorar, nos explorem até ao coão das algebras rotas, não nos admira: o que nos deixa boquiabertos é a paciência, a resignação verdadeiramente estoica da população de Lisboa.

Um estrangeiro que chegue aqui, desconhecendo a tragédia que se passa em cada mansarda cara, em cada casebre esburacado e insalubre, ante o porte calmo de cada indivíduo, julgar-se-á muito humano, onde a comida é boa, os géneros são baratos e as moradas quísi de graça. Nós não sabemos, não podemos compreender onde o lisboeta foi arranjar a paciência como que adoca as amarguras da vida e... o café.

«Subtraem-lhe o açúcar? Cala-se. Vem o açúcar e aumentam-lhe o preço? Cala-se. Roubam-lhe as batatas? Cala-se ainda. Vendem-lhas podres? Continua calado. Agora dão-lhe um pontapé e põem-no a dormir ao relento — lá chova. Cala-se, cala-se sempre.

Não há um movimento espontâneo, consciente e forte, que mostre aos assambradores das casas e aos assambradores do nosso estômago que ainda há uma pontinha de revolta para lhes dar a roer.

Veremos se ao comício da U. S. O. o povo sofrerá tem coragem de ir em massa confessar que sofre e que não está, por mais tempo, disposto a ser escandalosamente roubado.

A preparação do grande comício de protesto

Na próxima quinta-feira, pelas 20

Um equívoco

O último número de Temps Nouveaux, de Paris, insere uma carta de Lisboa, assinada por E. C., da qual reproduzimos os seguintes trechos:

Os debates (refere-se ao II Congresso Operário Nacional) foram por vezes muito violentos; cada grupo mantinha energicamente o seu ponto de vista, tendo todos, apesar disso, preocupação de não chegar a rotura, o que felizmente foi evitado. Do que se passou pode concluir-se o seguinte: 1.º que as forças extremistas moderadas se equivalem sensivelmente; 2.º que a unificação real desejada não se produziu, e que as divisões continuam, talvez acentuadas. E' lógico que uns ou outros cedam, e será necessário, da parte dos mais escutados, muita tática e energia, para que a rutura não venha a produzir-se. Entre outros, há dois nomes que, das duas correntes, são conhecidos por seus representantes: Manuel Joaquim de Souza, dos extremistas, um operário sapateiro e que foi eleito secretário geral do C. G. T., e Alexandre Vieira, dos moderados, operário tipógrafo, antigo secretário geral da U. O. N. e redactor principal de A Batalha, e que conserva esta função. A Batalha é o quotidiano, órgão do C. G. T., fundado no mês de Fevereiro último. E' a atitude do jornal que nos vai dizer se a unificação pode manter-se ou se se caminhará para a scisão, o que seria um erro para a organização operária.

Não há dúvida — e de resto já A Batalha o acentuou — que os debates no Congresso de Coimbra foram, por vezes, muito violentos, mas essa violência fez-se notar sobretudo quando, discutindo-se o parecer da comissão revisora de mandatos, uma parte do Congresso manifestava a opinião de que os delegados que a essa data não estavam no exercício da sua profissão não deviam representar o respectivo sindicato e muito menos qualquer outro a que só acidentalmente pertencessem. Ora a proposta que estabeleceu o critério do Congresso sobre o assunto, apresentada pelo antigo secretário geral da U. O. N., foi aprovada pelo actual secretário geral da C. G. T., o que significa que esses dois militantes estiveram de acordo no momento em que a agitação foi mais intensa. Mas não foi só nessa ocasião que os referidos camaradas

se levantaram as greves e pela recusa dos operários em levantarem as greves antes do levantamento do lock-out.

Havas.

A criminosa intransigência dos patrões

BARCELONA, 9. — Os delegados dos operários aceitavam o levantar as greves ao mesmo tempo que se levantasse o lock-out, mas os patrões exigiram que as greves terminassem 24 horas antes do lock-out. Este desacordo, que nada pôde vencer foi a causa do rompimento.

O "lock-out", patronal da Catalunha

Rompem-se as negociações entre operários e patrões

BARCELONA, 9. — As negociações de se levantarem as greves e pela recusa dos operários em levantarem as greves antes do levantamento do lock-out.

Havas.

Na Hungria

Sempre é restaurada a monarquia

VIENA, 9. — A imprensa desta capital assegura que o arquiduque Otto será proclamado rei da Hungria, acrescentando que o pretendente conta com o forte apoio dos partidários do antigo regime e das classes conservadoras. — Rdio.

Na Hungria

Sempre é restaurada a monarquia

VIENA, 9. — A imprensa desta capital assegura que o arquiduque Otto será proclamado rei da Hungria, acrescentando que o pretendente conta com o forte apoio dos partidários do antigo regime e das classes conservadoras. — Rdio.

horas, realizar-se-á na Associação de Classe dos Operários Chapeleiros, na Rua do Arco do Marquez do Alegrete, 30, 2.º, uma sessão preparatória do grande comício que se há-de efectuar no dia 17 do corrente, para protestar contra os aumentos dos alugueis das habitações. Farão uso da palavra delegados da U. S. O.

Convida-se a comparecer os camaradas chapeleiros e todos interessados em geral.

União dos Sindicatos Operários de Lisboa

Na última reunião de delegados resolveu:

1.º Convidar todos os organismos proletários a promover sessões de protesto e propaganda contra o aumento das rendas das habitações.
2.º Que essas sessões de propaganda se efectuem por ruas ou freguesias, interessando-se assim toda a gente no movimento, organizando comissões.
3.º Que seja feito um convite ao público, interessado na questão, a fim de se inscrever na sede deste organismo e de outros congêneres.
4.º Caso os resultados sejam satisfatórios para a organização geral, que se realice um comício onde se propore o abastecimento das rendas, equiparando-as às de antes da guerra com um aumento de 50 %, bem assim a greve do inquilinato.

Tentativa frustrada

Camarada redactor: Vou-lhe contar um caso que bem identifica um senhorio.

Joachim Leitão, mestre duma oficina no Arsenal de Marinha, possui uma propriedade na Rua Morais Soares, 155. Há dias pensou em aumentar as rendas e participou-o aos inquilinos, que declararam não pagar mais. — A. C. J.

das actuaram de acordo, porquanto durante todos os trabalhos se verificou entre eles uma perfeita identidade de vistas. E depois do Congresso tem sucedido o mesmo.

Está, portanto, E. C. mal informado quando atribui aos referidos camaradas a representação de duas correntes opostas, posto que tal não sucede nem essa situação se pode tirar com justiça da sua atitude no Congresso de Coimbra.

A provar que não existe de facto a suposta divisão e que se não caminha para qualquer scisão — que na verdade seria um erro para a organização operária — está a circunstância de A Batalha, a despeito do congresso se ter efectuado há já quasi dois meses, ter mantido a atitude anterior, o que quer dizer que deve pôr-se de parte a hipótese formulada por E. C., hipótese que só pode ter surgido em consequência de más informações.

E as dúvidas desaparecerão inteiramente com a reprodução das seguintes linhas, que Manuel Joaquim de Sousa acaba de dirigir, do Norte, onde está em missão de propaganda, ao redactor principal de A Batalha:

Caro Vieira. — Lê a crónica que E. C. publica no último número de Temps Nouveaux, de Paris.

Entre várias coisas diz que no Congresso de Coimbra se manifestaram duas tendências: uma moderada, outra extremista. Tu representavas a tendência moderada; eu a extremista.

Vê se és capaz de decifrar o enigma, charada ou o que quer que é.

E. C., que nada viu, que nada observou, descortinou que entre nós se manifestou disparidade de critério — isto sem que nós próprios, os visados, de tal dessemos conta. — Teu Sousa.

C. G. T.

Na nota publicada ante-ontem, lembrando a conveniência dos sindicatos activarem a nomeação dos seus delegados ao futuro Conselho Central a fim de que o mesmo possa reunir no dia 1 de Dezembro p. p., há um erro importante que é necessário desfazer.

Não são os sindicatos, propriamente ditos, que têm de enviar delegados ao Conselho Central, mas sim as Federações de Indústria, Unões Locais de Sindicatos vários, Sindicatos nacionais de indústria e os Sindicatos isolados, de harmonia com o Estatuto Confederal.

O "lock-out", patronal da Catalunha

Rompem-se as negociações entre operários e patrões

BARCELONA, 9. — As negociações de se levantarem as greves e pela recusa dos operários em levantarem as greves antes do levantamento do lock-out.

Havas.

A criminosa intransigência dos patrões

BARCELONA, 9. — Os delegados dos operários aceitavam o levantar as greves ao mesmo tempo que se levantasse o lock-out, mas os patrões exigiram que as greves terminassem 24 horas antes do lock-out. Este desacordo, que nada pôde vencer foi a causa do rompimento.

Havas.

ULTIMAS NOTÍCIAS

A convulsão mundial

a) Reúne hoje parte da comissão de propaganda. Pede-se aos camaradas ali pensado no Banco, seguindo depois para as ruas que fazem parte da comissão para a casa.

A BATALHA NO PORTO

A época de inverno — O martírio popular — A carestia da vida — Os senhores preparam-se para subir as rendas — A imprensa burguesa, lágrimas de crocodilo nos olhos, faz um apelo aos capitalistas

PORTO, 9 — Inaugurou-se estrondosamente a época de inverno — com ruídos de trovada intermitente, com proleções instantâneas de relâmpagos fêreos e com as violentas borrielladas de chuva que, formando correntes caudalosas, lavam, filantropicamente, as lumbas amontoadas nas ruas e calçadas desta cidade com muitas casas. Chegou a neve, e com ela uma nova quicada a adicionar-se a tantos outros martírios que flagelam as camadas proletárias. Os novos e os velhos ricos e os seus sobretudos e o seu alcado forte de revirar, as suas galmeas e as suas capas de borraça impermeável.

Só os pobres, os espoliados, os maladados pela fortuna, é que vêem os seus petizitos, descalços e sem agasalhos, tolhidos no seu desenvolvimento físico, porque o inverno, aliado a fome, persegue impiedosamente os desgraçados. A lenha, tão indispensável nesta quadra de tempo ao aquecimento das populações assediadas pelo frio, está escassa; as fazendas, ainda as mais ordinárias, estão por um preço fantástico, só acessível à bolsa esbanjadora dos milionários; o calçado, incluindo os humildes taroccos do produtor simples, vende-se por um custo exorbitante, estupidamente exorbitante. Os trabalhadores vêm-se impossibilitados, na sua maioria, de adquirir o aquecimento exterior, como facilmente conseguem o aquecimento interior — por meio da alimentação suficiente e adequada. Como se passará o inverno, que se inaugurou estrondosamente com ruídos de trovada intermitente, com proleções instantâneas de relâmpagos fêreos e com as violentas borrielladas de chuva gelada? Ai! ele apresentou-se com mau aspecto e prevê que a sua duração completará fielmente a dureza económica provocada pelo Estado e compradores assambradores.

Como corolário da obra acima descrita, como castigo ornamental a enquadrar a cena de miséria e abandono a que estão sujeitas as classes pobres, os senhores da da invicta e arretores, repetindo as anáclis explorativas dos proprietários daí, também vão aumentando as rendas de casa, desde a alugada e munda caberna das filhas, à propriedade que propriamente pode ter o nome de habitação humana. É uma rede de doradora de sangue operário, porque o dos privilegiados será poupado, enquanto as facilidades que lhes tem em extorquir o equivalente as que lhes levam a mais nas suas compras e negócios!

E como os seus queixumes contra tanta pouca vergonha já se fazem ouvir, e como o enervamento de revolta vai sucedendo e os mais indolentes, porque a estufa e operada e os ossos comecem de estalar — então a inmensa de balcão, lágrimas de crocodilo nos olhos e coração de felino em peito forte e obo, lança uma hipocrita súplica à generosidade nunca desmentida dos proprietários, impetrando-lhes encarecimento para que tenham consideração dos pobres, daqueles que labutam num trabalho insano a conquistar a felicidade para os outros, a arrancar uma fêria chorada que, nos sábados e em sortes de prestidigitador, lhes passa pelas suas calosas mãos para ir cair totalmente na gaveta do mercador. É o cúmulo do descaramento, porque semelhante apelo feito em nome dum fêria nãda generosidade é apenas destinado a provocar um resfriamento nos ânimos exaltados, coisa assim parecida com um caneco de água fria despejada numa banheira de água quente. E andaremos assim eternamente, burlados na nossa dignidade, roubados na nossa boa fé, extorquidos por nós mesmos, a cada dia, exgotado o saco das patifarias, todos nos levantemos, galvanizados num esforço supremo de revolta, e, empunhando o chicote da Rebelião dos Escravos, abatamos o poderio dos exploradores, o orgulho traficante dos dominadores capitalistas.

As classes tectéis votam o Sindicato Único e resolvem pedir aumento de salário

Em assembleia magna, com representação de todas as fábricas, reuniram-se os senhores desta cidade para se descerem da carestia da vida, do horário do trabalho, da organização sindical e do aumento de salário. Para que esta reunião se revestisse de máxima importância, foi distribuído profusamente entre os interessados um manifesto, do qual respigamos os seguintes trechos:

—Anda, meu querido!... Que estás tu a fazer?

Oh! reconstituir a sua imagem, aperceber qualquer coisa que me falasse delel... Parejava o ar, dilatando as narinas e julgando aprender perfumes fortes de macho; parecia-me que a sombra de troncos robustos se desenhava sobre os tapetes, que distinguia ombros de atleta, braços heróicos, coxas nervosas e cabedulas, músculos salientes.

—Vem? — dizia Juliette.

Nessas noites, Juliette só falava de alma, de céu, de aves, tinha uma grande necessidade de ideal e de sonhos celestiais... Muito encolhida nos seus braços, casta como uma criança, suspirava:

—Que bem se está assim!... Dize-me coisas lindas, meu Jean, coisas suaves e repassadas de poesia... Gosto tanto da tua voz!... Tem sons de orgão... Falas-me muito tempo... Tu és tão bom! Tu consolas-me tanto!... Quereria ficar assim, sempre nos teus braços, e ficar a ouvir-te, sem me mover!... Sabes também o que eu desejo?... Ah! Como eu sonho!... Ter de ti uma fita, minha, que seria como um anjo, toda rosada e loiral... Eu amamentava-a... e tu cantavas-lhe cânticos muito bonitos para a adormecer!... Meu Jean, quando eu morrer, enfiarás no meu guarda jóias um pequeno caderno cheio de rosa, com dourados... E para ti... ficarás com ele... Tenho lá escritas os meus pensamentos. Tu verás se te tenho amado muito!... Tu verás!... Ah! E preciso levantar-me para sair amanhã. Que aborrecimento!... Acabenta-me, fa-

A caminho da rua, eu continuava a gemer:

—Uma fêria teria piedade!... Sim, uma fêria.

De outa vez, mandou-me chamar por Celestine, e fui encontrá-la na cama triste e fatigada. Compreendi que ali não estaria ali, naquele instante, e que tinha acabado de sair; compreendi no pelo olhar mais termo de Juliette, por tudo que me cercava, pela cama que tinha sido composta, pelo toilette que tinha sido meticulosamente arrumado para apagar todos os vestígios, que eu via reaparecerem na sua realidade horrível e dolorosa. Demorei-me no quarto de vestir; remexendo as gavetas, interrogando os objectos das gavetas, eu me fui interrogando das coisas familiares... De tempos a tempos, Juliette chamava-me do quarto:

O CALVARIO

POR OCTAVE MIRBEAU

XI

tornou por tal maneira insuportável que as classes tectéis, como as demais operárias, não podem resistir por mais tempo aos seus terríveis efeitos:

Considerando que a União dos Sindicatos desta cidade projecta um movimento mais enérgico tendente a conseguir o barateamento dos géneros de primeira necessidade.

As classes tectéis, reunidas em sessão magna, resolveram aderir ao referido movimento, ficando de sobreviver para corresponderem no seu apelo no momento oportuno.

Depois de deliberarem fazer cumprir o horário das 8 horas, aliás conquistado pelo esforço próprio, e de ser votado o Sindicato Único das Classes Tectéis do Porto, sendo aprovadas as respectivas bases, foi discutida e aceite a seguinte tabela de aumento de salário a apresentar aos industriais:

Salário diário: Até 500 réis, 100/0; de 500 a 1.000, 80/0; de 1.000 a 1.500, 60/0; de 1.500 a 2.000, 50/0; de 2.000 para cima, 40/0; por empreitada: para os que trabalham em pano, por peça ou rolo: até 3.000 réis semanais, 100/0; de 3.000 a 4.000, 75/0; de 4.000 a 5.000, 60/0; de 5.000 a 6.000, 50/0; de 6.000 para cima, 40/0. Toda a obra paga a metro, 40 réis de aumento. Do badeiras, 100 réis em massa; cadeiras, idem; urdeiras, 150 em cada duas teias; remeteiras, 60 em cada teia.

Estas reclamações vão ser enviadas, em circular, aos industriais na semana que vai entrar amanhã.

Depois de tanto se bramar contra a falta de açúcar, descobrimos-se 1.300 sacas daquele género, muito bem escondidas, no armazém da firma assambradora que dá na praça pelo nome de Companhia dos Açúcares, Limitada, da rua do Meusinho da Silveira. Pois acmimé? — C.

Em Vendas Novas

A fábrica das latas de conservas em fêco

VENDAS NOVAS, 4. — C. — Tem-se referido este jornal por várias vezes, à forma como funciona a fábrica de latas nesta localidade, na qual acaba de dar-se um despedimento de seis operárias, pelo facto de, no dia 3, reclamarem o cumprimento do decreto n.º 5.516 (8 horas).

Em face de tal procedimento, reuniu a União dos Sindicatos local, com a presença do pessoal despedido, e mais operários.

Depois de apreciadas as exposições feitas pelas operárias despedidas e alguns membros da União S. O. terem usado da palavra, foi resolvido ir uma comissão, composta de um membro de cada classe, entrevistar os proprietários da fábrica de latas, no sentido de conseguir a readmissão do pessoal despedido, visto o dito despedimento representar uma torpe vingança contra os que pediram uma regalia que lhes era dada por lei.

No desempenho dessa missão foi a dita comissão entrevistar os aludidos industriais, à qual depois de instar pela readmissão das operárias despedidas, lhes foi respondido, terminantemente, que custasse o que custasse, ainda que a sua fábrica fosse reduzida a cinzas, não readmitiriam o pessoal despedido. Que significa tal resposta sobre o atropelo que acabam de cometer? É, evidentemente, um desafio lançado à organização, para a luta, e, em face de tal, declaramos-nos em guerra aberta contra aquele antro de exploração das pobres mulheres e crianças, que ali trabalham.

Não sabem aqueles senhores que ontem foram operários, que nós sabemos o intuito que os levou a montarem em Vendas Novas a sua fábrica?

A U. S. O. desta localidade promete não deixar já o assunto de mão sob pena de todos os sacrifícios ao seu alcance, até que justiça seja feita dentro daquele fábrica.

A U. S. O. resolveu mais, imprimir um manifesto para melhor explicar a sua justiça — C.

Classes gráficas

Reúne hoje, pelas 20 horas prefixas, a Comissão de Melhoramentos dos sindicatos gráficos, para apreciação de inúmeras questões, recebidas durante a última semana, e efectuar trabalhos que ficarão prontos na passada reunião.

Continúa esta Comissão, animada pelo bom acolhimento que lhe tem sido manifestado pela classe, esperançada de em breve poder iniciar os trabalhos de melhoramentos na sede sindical.

Proximamente será iniciada a publicação da lista de contribuintes que se eleva já a um número verdadeiramente satisfatório.

Ruínas das Escolas Industriais

A convite duma comissão mixta de alunos das referidas escolas, reúnem hoje, pelas 20 horas, na sede da C. G. T., Calçada do Combro, 38-A, 2.º, os alunos das mesmas escolas, a fim de tratarem de diversas reclamações.

la-me, diz-me que amas a minha alma... Sim, a minha alma!.

E adormecia; estava tão branca e tão pura, que os cortinados, por detrás dela, pareciam duas azas.

A noite avançava; a rua ia-se tornando silenciosa. De vez em quando, passavam os carros retardados, e sobre o passeio, dois gendarmes marchavam com um passo pesado, arrastado, sempre igual... Diversas vezes, a porta do hotel se tinha aberto e fechado; eu tinha ouvido passos, arrastar de vestidos, vozes cochichando no corredor... Mas não eu Juliette!... E, passado tempo, o hotel silencioso parecia dormir... Deixei o canapé, acendi uma fêria e olhei para o relógio; marcava três horas.

—Já não vem!... Agora, acabou-se... Não mais virá!

Puz-me à janela... A rua esva de certeza; por cima, o céu sonrio pesava sobre as casas, como uma tampa de chumbo... Lá ao fundo, na direcção do boulevard Haussmann, descem enormes carros, estremecendo a noite com os seus solavancos sonoros... Um rato atravessou de um passeio para outro, e desapareceu entre duas pedras... Vi um pobre cão, com a cabeça pendida, a cauda entre as pernas, passar, parar às portas, farejar a valeta, e ir-se, como o espinhaco vergado... Eu tinha febre, e o meu cérebro escaldava; tinha as mãos húmidas, e sentia, no peito, como que uma asfixia.

—Não virá!... Onde estará ela?... Terá voltado para casa?... Em que recanto desta sombra impura chafurdará ela?

O que principalmente me indignava, era não me ter prevenido... Tinha recebido o meu cartão... sabia que não podia vir... e não me tinha enviado uma única palavra!... Eu tinha chorado e suplicado, tinha-me rojado, e meus pés... e nem uma palavra!... Que lágrimas, que sangue seria preciso então derramar para eternecer aquela alma de pedra?... Como podia ela voar para o prazer, com os ouvidos aliada cheios do ruído dos meus soluços, a boca ainda húmida dos meus rogos?... As mulheres mais perdidas, as mais condenadas criaturas têm por vezes interrupções na sua existência de devassidão e de rapina; há momentos em que deixam o sol penetrar no seu coração arrebolado, ou em que, com os olhos voltados para o céu, imploram o amor que perdoa e que resgata!... Juliette, nunca!... Qualquer coisa mais insensível que o destino, mais implacável que a morte, a impelia, a arrastava, a levava eternamente, sem um momento de descanso, dos baixos amores para os amores sangrentos, da desonra para a morte!

Quando mais tempo ia decorrendo, mais a devassidão manchava de nódoas a sua carne. A sua paixão, outrora robusta e sábia, manchava-se agora de curiosidades abomináveis, dessa insaciabilidade feroz, dessa alcoolismo do amor intangível, que produzem os prazeres irregulares e estêreis.

Excepto nas noites em que o esgotamento revelava as formas imprevisíveis do ideal mais puro, percebia-se nela o stigma de mil corruptions diferentes e

A BATALHA

Desfazendo umas calúnias

Publicou o Século, de 4 do corrente, um suêito subordinado ao título *A falta de tabaco*, em que a Companhia, falta de argumentos para justificar a falta do tabaco no mercado, vem atribuir as culpas ao pessoal, dizendo faltar-lhe a matéria prima, ter reduzido as horas de trabalho e melhorado os salários a todo o seu pessoal.

Ora como não são verdadeiras as suas alegações e como nelas se tenta apenas indispor a opinião pública com o pessoal que se emprega na indústria, não tendo este, nos últimos anos, recebido sequer um centavo de aumento nos seus vencimentos tirados dos cofres da Companhia, nem tão pouco a redução de horas de trabalho é a causa que ela indica como consequência da referida falta de tabaco, vamos informar, ainda que muito resumidamente, o que o pessoal julga ser a origem do seu apêreço.

A falta da matéria prima talvez no período mais acesso da guerra se fizesse sentir pela falta de transportes marítimos, mas ainda assim o pessoal não deixou contudo de o fabricar normalmente, como o comprova o relatório da Companhia, do ano económico de 1918-1919. Somadas as várias especialidades de rapé, picados, cigarros, charutos e cigarilhas, dá uma totalidade de 2.191.102,723, a qual, comparada com a do ano antecedente, que foi de 2.549.924,516, dá apenas uma diminuição de quilos de 358,821,793, isto no continente.

Para essa baixa concorreu a greve do pessoal, que durou 37 dias. É certo que empregou tabacos em estado de verdadeira putrefacção, dezmas de barricas rotuladas com o dístico de *avariadas* e importadas da América do Norte que por qualquer acidente ocorrido durante a viagem se estragaram e foram pelo pessoal manipulados. Neste ponto é o pessoal convenientemente criminoso, processo de defraudar o público, facto aliás que várias vezes se tem repetido, posto que a isso tem sido impellido pela poderosa Companhia, e ainda há dentro do pessoal da oficina de charutos finos da fábrica de Xabregas se insurgiu contra facto idêntico, pois pretendiam obrigá-lo a manipular folha podre, imprópria para o consumo, com a agravante dos manipuladores não poderem fazer os charutos denominados *ordinários*, os quais não lhe bastando o título, são confeccionados com material de infima qualidade, do que resulta uma baixa considerável nos proventos dos operários e, por consequência, na produção dos operários empregados nessa marca.

Para que se aprecie o salário auferido por estes, diremos que actualmente não vai além de 1.850 por dia, incluídas as subvenções concedidas pelo Estado durante o período da guerra. Ora isto hoje é um salário irrisório.

Mas deixemos este ponto, sobre o qual muito teríamos a dizer, e tratemos do horário de trabalho.

A Companhia, ao tomar posse, em 1891, do exclusivo dos tabacos, tomou o pessoal da *Régie*, já com o regime das 8 horas de trabalho. Ao que admitiu, depois dessa data, estabelecer-lhe, porém, o horário de 10 horas, dando-lhe mais tarde 9. Ao presente, quando seja, há nove dias, lei do país as 8 horas, ainda não determinou oficialmente, dentro das suas fábricas, esse regime para os últimos. O pessoal, porém, é que actua integralmente a tal, tem cessado a laboração ao cabo do limite da oitava hora, conquanto respeitasse a hora de entrada, que estava anteriormente determinada. A Companhia, não acatando a lei e o respectivo regulamento, levou o pessoal, pelo seu esforço próprio, a resolver fazer-lhe respeito.

Por tanto, não colhe também a alegação de que a diminuição das horas de trabalho seja causa determinante da falta de tabaco.

Sobre a melhoria de salário ter interferência na escassez do tabaco no mercado, não lembra ao diabo tam estupidamente razão. O pessoal não fabrica menos; pelo contrário. E se a Companhia quizer dar-se ao incómodo de conhecer a produção dos 6 meses que vão decorridos (Maio a Outubro do presente exercício, 1919-1920, 1.º semestre) há de reconhecer que não mentimos quando lhe afirmamos que produziu mais nas diferentes marcas de picado.

E para terminar, por hoje, diremos que desde que o ministro das finanças queira saber a verdadeira origem da falta de tabaco no mercado, deixe para o lado medidas inúteis, a vitória aos pequenos estaqueiros a quem tem sido encontradas umas grammas de tabaco, escondidas no interior dos estabelecimentos, muitas vezes com o intuito de favorecer os amigos e conhecidos, e recorra aos delegados da classe dos manipuladores de tabaco, que estes já lhe afirmaram, por mais duma vez, que podem fornecer-lhe os dados positivos a fim de que se faça a identificação da produção.

O que principalmente me indignava, era não me ter prevenido... Tinha recebido o meu cartão... sabia que não podia vir... e não me tinha enviado uma única palavra!... Eu tinha chorado e suplicado, tinha-me rojado, e meus pés... e nem uma palavra!... Que lágrimas, que sangue seria preciso então derramar para eternecer aquela alma de pedra?... Como podia ela voar para o prazer, com os ouvidos aliada cheios do ruído dos meus soluços, a boca ainda húmida dos meus rogos?... As mulheres mais perdidas, as mais condenadas criaturas têm por vezes interrupções na sua existência de devassidão e de rapina; há momentos em que deixam o sol penetrar no seu coração arrebolado, ou em que, com os olhos voltados para o céu, imploram o amor que perdoa e que resgata!... Juliette, nunca!... Qualquer coisa mais insensível que o destino, mais implacável que a morte, a impelia, a arrastava, a levava eternamente, sem um momento de descanso, dos baixos amores para os amores sangrentos, da desonra para a morte!

Quando mais tempo ia decorrendo, mais a devassidão manchava de nódoas a sua carne. A sua paixão, outrora robusta e sábia, manchava-se agora de curiosidades abomináveis, dessa insaciabilidade feroz, dessa alcoolismo do amor intangível, que produzem os prazeres irregulares e estêreis.

Excepto nas noites em que o esgotamento revelava as formas imprevisíveis do ideal mais puro, percebia-se nela o stigma de mil corruptions diferentes e

refinadas, de mil fantasias perversas de velhos e de degenerados. Escapavam-lhe palavras e gritos, que abriam sobre a sua vida horizontes de lama inflamada; e, apesar dela me ter comunicado o ardor devorante das suas depravações, apesar de eu gosar com elas uma espécie de volúpia infernal e criminoso, não podia, muitas vezes, olhar Juliette sem tremer de horror!... Ao sair dos seus braços, desgostoso, envergonhado, sentia essa necessidade que os réprobos têm de contemplar espectáculos tranquilos e socorregos. E com que açoitado, em inveja aos seres superiores, que fazem da virtude e da pureza as leis inflexíveis da vida!...

—Lembrava-me dos conventos onde se reza, dos hospitais onde se praticam actos de abnegação... Apoderava-se de mim um desejo louco de entrar em todos os antros, a fim de evangelizar as desgraçadas criaturas que se contorcem no vício, sem uma palavra amiga; promedia a mim próprio seguir, à noite, as prostitutas na sombra das vielas, e consolá-las, falar-lhes da virtude, com uma tal paixão, com inflexões tão tocantes, que elas haviam de converter-se, e, chorando, dizer-me: «Sim, sim, salva-nos».

Gostava de estar, horas inteiras, no parque de Monceau, vendo brincar as crianças, descobrindo paraísos de felicidade, contemplando mães cheias de mocidade. Enternecia-me a constituir essas existências, tão diferentes da minha, a reviver, junto delas, essas santas alegrias que para mim já nunca mais existiriam... Ao domo, vagueava pelas estações, no meio da multidão alegre,

A BATALHA

NA PROVÍNCIA NOS ARREDORES

COMERA, 8

Uma tremenda injustiça

Em 1917, quando o povo, num movimento de justa revolta, assolou os armazéns de géneros alimentícios, panno de amostar, afinal não serviu ainda de lição aos grandes envenenadores — os proletários, representantes — esses assaltos na freguesia da Graça, conselho de Soure, onde, entre as casas assaltadas, figurava o celeiro do conhecido assambrador Francisco Godinho, que ultimamente tem ganhado rios de dinheiro, explorando o povo com o acucar, de parceria com o celebre padre Carrancas, daquela localidade.

Como sempre acontece nestes casos, nos assaltos tomaram parte não só os esmorecidos, como também alguns dos próprios de Godinho. Efectuaram-se, como de praxe, várias prisões, tendo os presos, na sua maioria, conseguido escapar-se até que os julgamentos resolvesse o destino a dar-lhes.

Dois dos acusados: José João Raposo e Maria Cardoso, não conseguiram, porém, escapar, ficando em continuação presos, há 14 meses que estas duas vítimas verdadeiras, ambos espiatórios, permanecem na cadeia de Santa Cruz, aguardando o celebre juiz.

Acontece, porém, que os presos que conseguiram escapar-se tem-se esforçado para que o julgamento seja sistematicamente adiado, com o intuito de manter os presos, que estão a fazer na cadeia, o que constitui uma revolta desumana. Bom seria que o juiz da respectiva comarca pusesse fim a este escandaloso caso, com o que praticaria um acto de verdadeira justiça. Segundo nos informam o crime da Maria Cardoso foi levar para casa um avental de milho.

Manejaes jesuíticos dum assambrador

É o sr. Mario Pais um honrado comerciante, sócio da Sociedade de Mercaderias e da Panificação de Coimbra. Como todos os honrados comerciantes, Mario Pais faz todo o possível por tirar a pele ao povo trabalhador impingindo-lhe o estêreo por balha de chisto e extorquindo-lhe o máximo que pode.

Assim, o sr. Pais, na sua nobre missão, que o menos que merecia era uma passeata no fundo do Mondego, com um mastacão atrás do pescoço, não se contentou com isso, procurou há dias o sr. Taveira, gerente da Fábrica de Massas Estrela, propondo-lhe, em vista da enorme carestia da vida, de que ele é um dos causadores, e para tirar um pouco mais desfogada a vida da eterna besta de carga, o povo, propondo-lhe um aumento no preço do pão. Mas foi mais longe o celebre Pais: propôs também que o sr. Taveira retirasse aos seus operários o descanso dominical. Parece, ao que nos informam, que o sr. Taveira, tendo uma mais clara visão dos acontecimentos, e prevenido as complicações que esse projecto iria provocar, se fôsse posto em prática, se recusou a pactuar com o beneplácito Pais, decidindo não aumentar o preço do pão, nem tirar ao pessoal o descanso aos domingos.

Não desarmou o nosso herói e, voltando a cargo, desta vez por officio, chegou ao que o senhor que ia aumentar o preço do pão e retribuir o descanso ao seu pessoal sem se importar que lhe seguissem o exemplo.

Sabemos que o pessoal que tem a infelicidade de alugar os seus braços ao sr. Pais, não está disposto a consentir que mais estale a sua vida a trabalhar para o pessoal que não tira o descanso aos domingos. Vejo o povo de Coimbra de que massa são feitos os que lhe levam até no último centil a parca fêria semanal.

A greve gráfica — Várias

Continúa inalterável o movimento dos camareiros gráficos, iniciado, como já informamos, na Casa Minerva. Ambas as partes continuam intrinsecas, e, para evitar os esforços do nosso amigo Pera assado, continua a luta.

A conferência que o sr. Leal da Câmara devia realizar na passada segunda-feira no Teatro Avenida, subordinada ao tema a Aldeia Portuguesa, foi sine die adiada — C.

POVÇA DE VARZIM, 8

Secretário geral da C. G. T. — A lei das 8 horas

Na última quarta-feira, 5 do corrente, chegou a esta vila o secretário geral da C. G. T., realizado-se na noite daquela dia uma sessão na Casa Sôda, sede da C. G. T. desta vila, com a presença do mesmo camarada.

A União Local fez distribuir um pequeno número de cartilhas, a fim de despertar o pessoal a assistir a sessão, sendo em grande número os assistentes.

Aberta a sessão, o delegado da central dos sindicatos portugueses expoz minuciosamente os trabalhos do Congresso Operário de Coimbra explicando largamente parte dos capítulos do estatuto da Confederação Geral do Trabalho.

Depois de fazer sentir a necessidade de todos os sindicatos elevarem as suas cotizações para que assim possam contribuir para a União Local, Federação de Indústria e Confederação, para que estes organismos possam desempenhar cabalmente o seu programa em exclusivo interesse da classe trabalhadora, foi votado, para a sessão seguinte, depois de ter também apreciado a forma como está sendo executado o horário de oito horas, visto alguns industriais prestarem não por em execução o referido horário.

Os comerciantes também não tem feito caso algum do decreto que estabelece o horário de oito horas, e a Associação dos Empregados no Comércio parece também pouco se preocupar com o caso.

Segundo consta, o novo horário começa a ser executado a partir do próximo sábado seguinte. A ver vamos — C.

BARCELO, 1

Ferrovierios do Alto-Minho — A carestia da vida agravada pelos cotrabandistas

Felicitamos os empregados do Sul e Sueste pela acção que tem desenvolvido contra a exploração capitalista. Bom seria que o Alto-Minho pudessem ser igualmente forçados a desistirem dos atropelos e injustiças que vem sofrendo.

Há mais de um mês que a secção médica de Barcelos está sem funcionamento, por imposição do presidente da Câmara, Miguel Fâneca, a fim de reservar esse lugar para si.

refinadas, de mil fantasias perversas de velhos e de degenerados. Escapavam-lhe palavras e gritos, que abriam sobre a sua vida horizontes de lama inflamada; e, apesar dela me ter comunicado o ardor devorante das suas depravações, apesar de eu gosar com elas uma espécie de volúpia infernal e criminoso, não podia, muitas vezes, olhar Juliette sem tremer de horror!... Ao sair dos seus braços, desgostoso, envergonhado, sentia essa necessidade que os réprobos têm de contemplar espectáculos tranquilos e socorregos. E com que açoitado, em inveja aos seres superiores, que fazem da virtude e da pureza as leis inflexíveis da vida!...

—Lembrava-me dos conventos onde se reza, dos hospitais onde se praticam actos de abnegação... Apoderava-se de mim um desejo louco de entrar em todos os antros, a fim de evangelizar as desgraçadas criaturas que se contorcem no vício, sem uma palavra amiga; promedia a mim próprio seguir, à noite, as prostitutas na sombra das vielas, e consolá-las, falar-lhes da virtude, com uma tal paixão, com inflexões tão tocantes, que elas haviam de converter-se, e, chorando, dizer-me: «Sim, sim, salva-nos».

Gostava de estar, horas inteiras, no parque de Monceau, vendo brincar as crianças, descobrindo paraísos de felicidade, contemplando mães cheias de mocidade. Enternecia-me a constituir essas existências, tão diferentes da minha, a reviver, junto delas, essas santas alegrias que para mim já nunca mais existiriam... Ao domo, vagueava pelas estações, no meio da multidão alegre,

TRIBUNAL DE ARBITROS ROLIMBOS

Sob a presidência do dr. sr. Filipe Mendes, escreveu Pereira Vidal, tendo como árbitros os sr. António José da Silva, Gomes e José Joaquim de Almeida, reuniu-se hontem este tribunal, que julgou as seguintes causas:

Abílio Cardoso, contra a firma Leite & Teles, ficou aguardando promção; Joaquim da Costa Amaral contra José Soenen ou José Soenen Júnior, concluiu pela quantia de 25000; Abrahão Mendes contra Carlos Eugénio d'Almeida, ficou aguardando promção; Alfredo Augusto Campos Duarte, contra a Companhia de Seguros Gloria Portuguesa, ficou aguardando promção; Vitor d'Albuquerque Calheiros, contra a mesma companhia, desistiu, e Remi T. Resastut, contra a mesma companhia, desistiu também.

Pela Casa da Moeda

O aumento de salário — A lei das 8 horas desrespeitada

Deve ser aprovado na terça ou quarta-feira, na câmara dos deputados, um projecto de lei, para melhorar a precária e quasi miserável situação económica dos operários da Casa da Moeda.

Quando da visita que o ministro das Finanças, Rêgo Chaves, fez à Casa da Moeda, foi-lhe pedido por uma comissão de operários para que fosse melhorada a sua situação a exemplo do já sucedido em outras casas do Estado, desde Maio de 1919, estando ainda os operários da Moeda percebendo salários irrisórios de 75 a 140, por um regulamento de 1911.

O sr. Rêgo Chaves, disse que era de toda a justiça a reclamação, pois a Casa da Moeda era a que mais proventos dava ao Estado, assim como prometteu a sua equiparação ao pessoal da Imprensa Nacional, por ser o estabelecimento que mais se identifica com o seu género de trabalho.

Com bastante surpresa e mágoa, vêm agora esses operários que estiveram a ver a maneira de lhe dar o menos possível, pois que no referido projecto são equiparados aos operários do Arsenal da Marinha, com uma subvenção e diuturnidade menores, pois enquanto aqueles tem de subvenção 340 e de diuturnidade 520, aos operários da Moeda, vai ser dado 330 e 510, o que é uma flagrante injustiça.

Mas o mais grave ainda é que saindo há dois dias do parlamento uma lei estabelecendo o regime de 8 horas para o operariado, devendo ser o Estado o primeiro a respeitar essa lei, e havendo na Casa da Moeda bastante trabalho, e sendo de necessidade aproveitar as duas horas extraordinárias que a dita lei faculte, pelo projecto agora presente ao parlamento, são essas duas horas pagas por 118 cada uma, ou seja a implantação do regime de 10 horas de trabalho, contra o que indignados protestam todos os operários concientes da Moeda, pois lhes querem tirar uma regalia de que actualmente disfrutam, ou seja o pagamento dos extraordinários a dobrar.

Confiam esses operários que os deputados não se prestarão a sancionar semelhante injustiça, que a ser convertida em lei, será um perigo não só para os operários da Moeda, onde irã levantar conflitos que se podiam evitar, como também para as restantes casas do Estado, aonde essa lei se estenderia num futuro muito próximo.

OS QUE MORREM

FALECIMENTOS

Faleceu o camarada Domingos Macêdo, guarda da obra de S. Salvador. A Associação dos Serventes de Pedreiros e Escultores, de que o referido era socio, convidou a classe a incorporar-se no prestito fúnebre, que saí às 14 horas da Morgue.

Faleceu ontem a sr. D. Deolinda Julia dos Santos, prima do camarada Raul Pereira Sousa, que trabalhava nas obras da Escola Machado de Castro. O funeral realizou-se hoje, aonde o prestito, às 15 horas, da Rua do Olival, 130, 3.º, para o cemitério dos Prazeres.

FUNERAIS

Realizam-se hoje, os seguintes funerais:

D. Maria Nunes Fernandes, às 15, da rua de Campo, de Ourique, 29; D. Angela Caldeira, às 16, da rua da Estrela, 47; José Maria da Silva Guimarães, às 15, do bôco do Alameda, 11; D. Isabel Maria da Conceição Koolos, às 12, da alameda do Bôco, 10; D. Deolinda Julia dos Santos, às 14, 33, da rua do Olival, 130.

RECLAMES

Breve se anunciará a data certa para a estreia da peça *Em guarda!*, no segundo recito de assinatura do Trindade.

Requerece hoje o insigne artista Eduardo Brazão, no Nacional. Noite de festa, brilhante, entusiástica, vai ser a de hoje no teatro Nacional, devendo a linda sala do teatro elegante e rico oferecer um esplendido espectáculo, visto os seus lugares estarem já tomados.

—E amanhã que começa, no Avenida, a temporada do inverno pela companhia Sata-nella-Amante, cujo repertório admirável já agora acrescentado com sete operetas novas italianas, de que Amante tem o exclusivo em português.

A escolha acertada das peças que tem sido representadas no Ginásio, incluindo a que actualmente ali está em scena, continua sendo a deliciosa peça *A calçada realista*, a curiosa peça inglesa agora em scena, faz as delicias do publico, que escuriosamente escolhe as suas diversões.

Com a deliciosa peça *A calçada realista* se hoje, no Trindade, mais um elegante recito da moda, dedicada a melhor sociedade de Lisboa.

A peça política *A Cadeira n.º 13*, em sessões no Ginásio, pertence ao número das que o publico segue todo o entrecosmo sem lhe perder o deslançale. Os seus dois principais personagens masculinos, estão retratados a Robies Monteiro e Samuel Ditz, artistas notáveis que deves devem tirar o maior partido.

A peça de piagens *20 Milhões*, em scena no Apolo é deslumbrantemente apresentada, com uma grande opulência de scenários, com maravilhosos e imprevistos efeitos, causando a cada *A calçada realista* se hoje, no Trindade, mais um elegante recito da moda, dedicada a melhor sociedade de Lisboa.

A peça política *A Cadeira n.º 13*, em sessões no Ginásio, pertence ao número das que o publico segue todo o entrecosmo sem lhe perder o deslançale. Os seus dois principais personagens masculinos, estão retratados a Robies Monteiro e Samuel Ditz, artistas notáveis que deves devem tirar o maior partido.

CARTÃO DO DIA

NACIONAL — A 20. — A Flor de Seda. TRINDADE — A 21. — A Estrela. GINÁSIO — A 21. — A representação da peça "O Libertino".

ALTEIA — A 21. — "Blanchette", com media.

AVENIDA — A 21. — "Paz Armada", revista.

EDEN — A 21. — "Festa dos guitarristas e reparação de Tina Coelho", com media.

A 22 horas. — "A Princesa dos Dollars", opereta.

FOZ — A 20.30. — "Os Vinte Milhões", com media.

COLISEU DOS RECREIOS — Companhia de circo.

SALÃO FOZ — A 20.30. — Conchilina (Um Acto) de J. de J. Jacolis. — Parla Negra.

CINEMA ALPIANA — Ametrigo e comêto.

CINEMA CONDES — Ametrigo e comêto.

CIADADO TERRASSE — Ametrigo e comêto.

SALÃO DA TRINDADE — Varietades e ametrigo.

SALÃO IDEAL — Ametrigo. — A 21.33.

CHANTECLER — Ametrigo, filis filadas.

TEATRO RECREIOS DA GRAÇA. — Acto de duas segundas e quinta-feira. A 21.35. O drama em 4 actos "A Tosca".

SALÃO DOS ANJOS — As quintas-feiras sábados e domingos, ametrigo.

SALÃO PORTUGAL — A 20 horas — ametrigo.

sobre o canapé. Tinha o corpo dolorido, as minhas mãos latejavam... Em vão, tentei dormir... Não conseguí mais que chorar, soluçar, gritar:

— Juliette! Juliette!

Tinha o peito em fogo, e na cabeça como que uma efervescência de lava... As ideias fugiam-me, transformavam-se em alucinações... Ao longo das paredes do quarto, doninhas perseguiram-se, saltavam, entregando-se a brincos obscuros... E eu esperava que a febre me prostrasse... Estar doente!... Oh! estar doente muito tempo, sempre! Juliette instalava-se junto de mim, levantava-me a cabeça para me fazer tomar os remédios, acompanhava a porta o médico, dizendo coisas em voz baixa e o médico teria um certo ar

"Garantia"

Companhia de Seguros Marítimos e Terrestres

FUNDADA EM 1853

SÉDE NO PORTO: RUA FERREIRA BORGES

(Edifício próprio)

Capital 1.000 CONTOS

(Um milhão de escudos)

Sinistros pagos até 31 de Dezembro de 1918: 6.579.529\$25,6

Dividendo distribuído, idem, idem: 1.394.000\$00

Efectua seguros contra riscos de fogo, industriais, lucros cessantes, aluguéis de prédios, greves e tumultos (só em prédios e mobílias), agrícolas, automóveis, riscos marítimos e riscos de guerra.

Agentes em Lisboa

José Henriques Totta & C.^a

BANQUEIROS

69 a 79, Rua Aurea, 69 a 79

Telefone 533 e 1589 Central

Reumatismo

Seja fôr de que qualidade fôr e antigo que seja, a sua cura é certíssima e em poucos dias sentindo-se prontos alívios logo em seguida às primeiras vezes que se uzar. Cada tubo 1\$50, pelo correio mais \$20. Vende-se na travessa da Oliveira, 21, r/c, D. (ao Largo da Esclera) (631)

NOTAS & COMENTÁRIOS

por PERFEITO DE CARVALHO

Recebem-se pedidos na administração da Batalha.

Associação de Socorros Mútuos

Progresso Social

Lda - Rua da Rosa, 188, 1.º D. - Lisboa

AVISO

Por determinação do Ex.º Sr. Presidente da Mesa da Assembleia Geral, são convocados os dignos associados a reunirem-se em sessão de Assembleia geral, no próximo dia 15 do corrente, às 20 horas, na sede desta Associação, sendo a ordem dos trabalhos: 1.º - Eleição dos corpos gerentes para o ano de 1920; 2.º - Tratar de assuntos que interessam à Associação, entre eles, o aumento de cotas em vista do aumento de despesa.

Não se realizando esta assembleia por falta de número, fica a mesma transferida para o próximo dia 21 do corrente, à mesma hora, a qual funcionará com qualquer número de socios presentes.

Lisboa, gabinete da Associação de Socorros Mútuos "Progresso Social", em 7 de Novembro de 1919. - O 1.º Secretário - José Antunes.

A Casa dos Trabalhadores é uma inspiração pela qual todos os proletários devem interessar-se.

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapeleiros

Grande sortimento em chapéus, lisos e mechas em cores lindíssimas, formatos dos mais afamados fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Chapéu mole, novo modelo americano, muito elegante, só na Cooperativa A SOCIAL



ESPECIALIDADE EM CHAPEUS DE SEDA E FLAMÃO

Armazem e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS

Sede: - 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33

1.ª Sucursal: - Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A

2.ª Sucursal: - Rua do Corpo Santo, 29

3.ª Sucursal: - Rua do Arco do Arco do Marquês de Alegrete, 56, 58

Fábrica de bonets

Chapéu modelo Jaurés (Exclusivo)

SIFILIS

Grande descoberta de plantas para a cura da sífilis e de todas as doenças que derivam da im puridade do sangue. Contêm de pessoas se tomarem. Tratam-se de todas as doenças por meio de ervas. Pacote, 600 réis. Travessa da Oliveira, 21, rez-do-chão, direito, à Estrela. (68)

A BATALHA em LAGOS, encontra-se à venda na Havanês Pedro Dias.

BRIQUETTES DE S. PEDRO DA COVA

Pedidos ao agente exclusivo

E. DE AGUIAR

RUA DOS CORREIROS, 210

TELEFONES: 4340 e 3550

Execução de encomendas imediatas ao mais baixo preço do mercado. (648)

AMBRINA

Para queimaduras, frieiras, acidentes de trabalho, como golpes, contusões, etc.

A venda em todas as farmácias

Agentes gerais: CALDAS, Lda

T. REMOLARES, 30, 2.º

(638)

Tuberculose, anemia, falta de forças e de apetite: Nucleo-calcina

Farmácia Formosinho

Praça dos Restauradores, 18

Lisboa 476

A Minha Defesa

por Jorge Etievant

Auto-defesa do autor no tribunal, é uma das melhores obras de propaganda social revolucionária.

Pedidos desde já à administração de A Sementeira, Caixa do Sodré, 88, ou na administração deste jornal.

Cada exemplar, 5 centavos.

Jesus na Guerra

O mártir de Golgota volta à terra, a observar os frutos produzidos pela sua propaganda revolucionária, há perto de dois mil anos efectuada. Encontra a guerra, o massacre, a pilhagem, a violência. E de novo reconhecendo a fraternidade, o desinteresse. Os homens de agora, tão bons como os de outrora, não o compreendem. E Jesus morre, uma segunda vez, no apostolo do sublime que o impulsiona. Tal é o motivo da fantasia de Adriano del Valle, fantasia concebida em intuitos de evangelização revolucionária e emancipadora.

Um elegante volume, artisticamente agasalhado na capa, claramente impresso, bom papel.

PREÇO \$50 centavos

A venda na administração de A BATALHA, Calçada do Combro, 38-A, 2.º

CASA DE FERRO VELHO

preferir sempre esta casa

Estrada de Saravem, 84

(Arroios)

"A Batalha"

(Hino revolucionário)

Música do maestro Tomás do Negro e letra do poeta operário João Black. Um lindo folheto com capa artística, 10 centavos.

A venda na administração de A Batalha.

A BATALHA em Braga

Vende-se na BARBEARIA RIO - Rua da

Só, 37.

TUBO

do chumbo novo para

Água e Gás.

Tubo de ferro fundido para algerozes de 4".

Zinco em barra para galvanização de cavilhas.

Aço francês especial para minas 1" 1/4 alta-

vado.

Rodas Decauville novas.

Francheta de ferro 1" x 3/16.

Meia cana 1" 1/2 x 1/2.

Folhas novas de mol-

las.

Vergalhão de ferro novo 1" 3/4 quadrado.

Ferragem diversa para navios.

Paus de carga.

Um motor a gaz pobre completo Steoprot 30 HP.

Serra circular com mesa de ferro.

Uma ventoinha 7" 3/4.

Duas enfardadeiras para palha.

Uma enfardadeira para cortiça.

Máquina para cal-

ças de exportação.

Vende: A. B. dos Reis.

Caixas do Sodré, n.º 52 -

Tel: C. 4317.

Comp. Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade Anónima - Estatutos de 30 de Novembro de 1894

Lisboa

Em 12 de Novembro próximo futuro e dias seguintes às 11 horas por intermédio dos

agentes de leilões srs. Casimiro C. da Cunha e Sobrinho, Sucedores, na estação

desta Companhia em Lisboa, Caixa dos Soldados, e em virtude do Aviso n.º Publico

B. 2001 de 14 de Março de 1918, e do Artigo 115 da Tarifa Geral, proceder-se-á à

venda em hasta pública de todas as remessas incursas nos respectivos prazos bem como

de outros volumes não reclamados.

Aviso-se, portanto, os respectivos consignatários, de que se poderão ainda retirar-lhes

pagando o seu débito à Companhia, para o que deverão dirigir-se à Reparação de Reclamações e Investigações na estação do

Caixas dos Soldados, todos os dias úteis até 11 do referido mês de Novembro inclusive, das 10 às 16 horas.

Lisboa, 25 de Outubro de 1919.

O Director geral da Companhia

Ferreira de Mesquita

Concurso para enfermeiros

Perante o Serviço de Saúde desta Companhia está aberto por 15 dias, a contar da data deste anúncio, o concurso documental e provas práticas para provimento de lugares de enfermeiro com o vencimento de

4500 mensais com casa de residência ou respectivo abono de 5000 anuais.

As condições do concurso podem ser pedidas ao Chefe do mesmo Serviço na estação de Santa Apolónia, das 10 às 17 horas.

Lisboa, 21 de Outubro de 1919.

O Director Geral da Companhia,

(a) Ferreira de Mesquita.

AVISO AO PÚBLICO

Remoção de trapo

Desde a data do presente, e até aviso em contrário, as estações de Campanha até Espinho, ambas inclusive, poderão aceitar remessas de trapo com destino às estações das linhas portuguesas sem apresentação de documento que prove ter sido desinfectado.

Fica pelo presente anulado o Aviso n.º Publico B. 3589 de 16 de Fevereiro de 1918.

Lisboa, 21 de Outubro de 1919.

O Director Geral da Companhia,

Ferreira de Mesquita.

A BATALHA em TOMAR vende-se na

oficina de alfaiate e sizer

de Raimundo Ribeiro, rua Leiria,

onde recebe anúncios e correspondências.

As valentes e PERAS

Para a rapaziada

Mais de dez mil pares de botas

Botas brancas as Valentes para a rapaziada a 7\$500, 9\$250 e 9\$750.

Botas pretas ou de cor a 6\$750, 8\$750, 9\$750.

Botas pretas de vitela americana a 10\$500, 12\$500, 13\$500 e 15\$500.

Sapatos em pelica para senhora a 6\$750, 7\$500 e 8\$500.

Sapatos em pelica-verniz para senhora a 11\$500, 12\$500 e 14\$500.



Grande variedade de calçado de luxo para senhora, homem e criança

Venham vêr as Valentes

Manda-se calçado para a Província contra reembolso

Fornecedor dos empregados dos Caminhos de ferro Portuguezes e do Sul e Sueste e Cooperativa dos empregados do "Diário de Notícias".

Sapataria de S. Roque

LARGO DE S. ROQUE, 16, 17

OURO!!!

Mais barato e não se paga feito - Só milagre!!!

OURO

Compre na conhecida e acreditada casa Paiva & Fraga.

Na sempre grande sortido de cordões, correntes, anéis, alinetes e mais objectos em 2.ª mão renovados com pouco feito.

4 a 12, R. da Palma, 4 a 12

Junto à Casa das Galoias

TELEFONE 3676

Quereis fazer economias?

COMPRA NA

Louçaria do Pôço Novo

Louças esmaltadas, vidros, jarras, can dielros, faianças, porcelanas, etc., etc.

Serviços de jantar e almoço em faiança e porcelana.

Variedade em objectos para brindes.

Sortimento em artigos de uso doméstico.



PREÇOS DA FABRICA

Largo do Pôço Novo, 22 - Lisboa

(fundo da C. do Combro, defronte da Palmeira)

PAPELARIA

Viúva de Manuel da Costa Marques & C.^a Limitada

Rua do Ouro, 36

Telefone 2.676-C.

COMPLETO SORTIDO DE ARTIGOS PARA ES-CRITORIO

RAZÃO

(Poemeto social)

O inteligente operário gráfico Alfredo

Neves Dias compôs um interessante

poemeto social, cujo produto líquido

reverte a favor do jornal A Batalha.

Trata-se de uma pequenina obra, inspirada e sincera, tecnicamente perfeita,

que se lê com agrado, pelas suas passagens atraentes.

RAZÃO

que se apresenta modestamente

contudo um real valor.

Um folheto impresso em magnifico papel.

Preço \$05 centavos (50 réis)

A venda na administração de A BATALHA, Calçada do Combro, 38-A, 2.º

LIMA NETO, MOURA & C.^a

Compra e venda de títulos nacionais e estrangeiros

Rua dos Retrozeiros, 100 a 106

Esquina da rua dos Sapateiros, 1 e 3

TELEFONE 3844 TELEGRAMAS - "IMAN"

"A BATALHA"

DIÁRIO OPERÁRIO DA MANHÃ

Redacção e administração

CALÇADA DO COMBRO, 38-A-2.º

Lisboa - PORTUGAL

Enderço telegráfico - Talha - LISBOA

ASSINATURAS

Pagamento rigorosamente adiantado

Lisboa: 1 mês, \$60 - Portugal, Ilhas, Colónias e Espanha, 7 meses, 1\$70; 6 meses, 3\$40; 1 ano, 6\$80. Territórios da União Postal: 6 meses, 5\$20; 1 ano, 10\$40.

Não se aceitam pedidos de assinatura que não venham acompanhados da respectiva importância. - A despesa da cobrança que tiver de ser feita pelo correio é aumentada ao preço da assinatura.

ANÚNCIOS

Recebem-se, bem como reclamações, avisos, comunicados e qualquer outra publicação idêntica, aos preços da tabela, na administração da Batalha, nas agências Hava, Bastos & Gonçalves, Americana, etc.

Comunicados e anúncios, quando contenham acusações a particulares ou relativos à vida privada seja de quem fôr, não se publicam, reservando-se o direito à administração de A Batalha de recusar anúncios ou qualquer outra matéria paga quando, por motivo de ordem moral, entenda dever recusar.

A cargo do anunciante o imposto de selo, 2 centavos

Aceitam-se anúncios de todo o país, ilhas, colónias e estrangeiro.

TABELA DE PUBLICIDADE

Artigos, reclamações e comunicados, 3.ª página, cada linha..... \$30 Na 4.ª página..... \$08 Anúncios por contrato, abatimentos especiais.

Bolsim de trabalho: anúncios até 3 linhas, por intermédio das associações ou seus sindicatos, procurando emprego, gratis.

De Precisa-se trabalhadores e em pregados, 8 centavos cada linha.

Comunicados e anúncios de Associações, Cooperativas e outras agremiações de carácter operário, preços excepcionais.

A marcação dos anúncios é feita pelo linótipo de corpo 6.



Não me ralo!

Vou ali à CHAPELARIA LUZITANA, e por um preço baratíssimo, compro um chapéu bom, bonito, bem acabado e dum sólido capaz de resistir a todos os vãos.

CHAPELARIA LUZITANA

Rua Arco Marquês de Alegrete, 45-51

Fósforos

Ficam avisados os srs. revendedores de fósforos de que podem dirigir directamente os seus pedidos:

No norte do País, aos Revendedores Gerais:

Rives Macedo & Borges, S. res 249

67, Rua do Bom Jardim, 69 - PORTO

No Sul e Ilhas Adjacentes, aos Revendedores Gerais:

Nogueira Marques & C. ta

Rua da Alfândega, 92 - LISBOA

sendo os preços por caixa de 3.000

caixinhas (25 grozas):

Fósforos de enfiar 36\$00 ou \$01 por

caixinha; ditos Amoris, 72\$00 ou \$02;

ditos de Cera Comum, 72\$00 ou \$02;

ditos de Cera de Luxo n.º 1 (quarto de

caixote), 36\$00 ou \$04; ditos de Cera

de Luxo n.º 2 (quarto de caixote), 27\$00

ou \$03 por caixinha, com o desconto

legal de 10-00, seja qual fôr o número

de grozas pedidas.

Quaisquer queixas acerca da demora

da execução dos pedidos ou falta de

concessão do desconto, devem ser dirigidas

à Companhia Portuguesa de Fósforos,

rua de S. Julião, 139 - LISBOA.

Malas, Carteiros e Pastas

Só comprem na

FABRICA NACIONAL DE MALAS

RUA DA PALMA, 34, 1.

(escada da ourivesaria Cesar Pinto)